

---

**JORNAL FORMAÇÃO COMO MEIO DE ATUAÇÃO DO CENTRO  
ESTUDANTIL CAMPINENSE (1936/1953)**  
**JOURNAL FORMAÇÃO AS THE MEANS OF ACTION OF THE CAMPINENSE  
STUDENT CENTER (1936/1953)**

Ajanayr Michelly Sobral Santana<sup>1</sup>

Lia Machado Fiuza Fialho<sup>2</sup>

Charliton José dos Santos Machado<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** Objetivou-se compreender o que motivou os estudantes do Centro Estudantil Campinense a criar o jornal *Formação* e como este se constituía na condição de espaço de desenvolvimento da intelectualidade juvenil e de disseminação do ideário de educação dos estudantes secundaristas. Desenvolveu-se uma pesquisa documental híbrida no *Formação* nas edições de 1936, 1940 1952 e 1953, complementada com os jornais *Tribuna do Estudante* e *Jornal do Estudante*, respectivamente, nas edições 1951 e 1953, e de entrevistas em História Oral Temática com três ex-centristas. As fontes explicitam que o Centro Estudantil Campinense se constituiu como uma organização estudantil de formação educacional e política de estudantes campinenses, desde a promoção do debate acerca dos projetos educacionais e políticos e do movimento estudantil local, que se utilizava do jornal *Formação* para disseminação de seu ideário. Constatou-se que, na escrita do *Formação*, os centristas constituíram espaços de lutas e disputas e disseminaram suas ideias. Este veículo de comunicação contribuiu para o alargamento intelectual dos estudantes campinenses.

**Palavras-chave:** Jornal formação. Centro estudantil campinense. Secundaristas.

---

**ABSTRACT:** We aimed to understand what motivated the students from the Estudantil Campinense Center to create the journal *Formação* and how it was constituted as a space for the development of youth intellectuality and the spread of the educational ideology of the high-school students. A hybrid documentary research was carried out in the Formation in the 1936, 1940 1952 and 1953 editions, complemented by the newspapers *Tribuna do Estudante* and *Jornal do Estudante*, respectively, in the 1951 and 1953 editions, and interviews in Oral Thematic History with three former students. The sources explain that the Estudantil Campinense Center was constituted as a student organization of educational and political formation of Campines students, from the promotion of the debate about the educational and political projects and the local student movement, that used the journal *Formação* for the dissemination of its ideals. It was found that, in the writing of the *Formação*, the centrists constituted spaces of struggles and disputes and disseminated their ideas. This communication vehicle contributed to the intellectual enlargement of Campinense students.

**Keywords:** Journal formation. Campinense student center. High-school students.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação/Instituto Histórico de Campina Grande.

<sup>2</sup> Doutora em Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>3</sup> Doutor em Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

## **Introdução**

Ao compreender que a instituição escolar não é lugar exclusivo de operacionalização da Pedagogia e do currículo, alarga-se o campo investigativo da educação, pois, ao considerar outros espaços que funcionam como produtores de conhecimentos e saberes (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2017), torna-se possível suplantar os conteúdos formais e programas curriculares lançando luz a novas fontes, impressos, utilizadas para se compreender a História da Educação (VIEIRA, 2013). Este artigo possui o jornal *Formação* como fonte primária, organizado, escrito e produzido pelos estudantes centristas, atuantes no Centro Estudantil Campinense (CEC), como formas de fazer política estudantil.

O CEC foi fundado em 6 de outubro de 1935 por uma turma de alunos concluintes do Colégio Alfredo Dantas. Sua idealização inspirou-se no Centro Estudantil Cearense, localizado em Fortaleza, que incentivou os discentes campinenses a fundarem também, na cidade de Campina Grande-PB, uma organização estudantil politizada (SANTANA, 2015). Nos anos seguintes a sua fundação, o CEC funcionou em diversas sedes, em prédios do centro desta cidade, tais como: Venâncio Neiva, Cardoso Vieira, Vidal de Negreiros, Maciel Pinheiro. Essa mobilização ocorreu devido às dificuldades nos pagamentos dos aluguéis e de um espaço disponível que comportasse os centristas e outros estudantes em suas reuniões e eventos.

O CEC possuía 21 representantes escolhidos nas eleições estudantis anuais para exercer as funções nas diretorias - cultural, esportiva e jornalística-, secretarias, tesouraria, vice-presidência e presidência. As suas reuniões geralmente aconteciam aos sábados, conduzidas pelos 21 centristas e aberto ao público estudantil, que eram identificados por uma carteirinha de estudante confeccionada pelo Centro Estudantil Campinense, tornando-se, portanto, sócio efetivo. Nessas reuniões, discutiam-se tanto assuntos referentes aos estudantes como problemas que atingiam a sociedade campinense, a exemplo de falta de água, aumento das tarifas de transporte público, aumento das entradas de cinema, aumento do pão e outros gêneros alimentícios, medidas abusivas das direções dos colégios, dentre outros problemas da sociedade.

Compre-se que a identidade centrista serviu como nexo para caracterizar os centristas e diferenciá-los de outros estudantes, pois, apesar de muitos desses atuaram nos jornais e no movimento estudantil, nem todos eram membros do CEC e com isso não poderiam ser chamados de centristas. Assim, o CEC funcionou como um espaço que exerceu grande influência na cena pública campinense pelo fato de os seus representantes mobilizarem discussões por meio de discursos em jornais, liderarem comícios e passeatas, politizarem e conscientizarem os estudantes e sociedade campinense para os problemas pelos quais passava a cidade.

A História da Educação insere-se em um movimento mais amplo na efervescente conjuntura historiográfica, que, desde a Escola dos *Annales*, tem se voltado ao nível do cotidiano, do ordinário, de novas fontes, abordagens, problemas e objetos (PINHEIRO, 2011). Campos (2012) enfatiza, em consonância com o exposto, o potencial de periódicos não educacionais como fontes fundamentais para a ampliação de pesquisas históricas de caráter regional e local, logo se salienta que o trabalho com o jornal *Formação* permite adentrar os meandros de concepções estudantis disseminadas no meio acadêmico, já que este funcionou como uma imprensa formativa na divulgação das práticas e ideias dos centristas e outros estudantes na cidade de Campina Grande, Paraíba (PB).

Criado no ano de 1936, o jornal *Formação* esteve ligado diretamente à própria existência e continuidade dessa entidade estudantil. Ele possuía a função de narrar e discutir sobre os interesses dos estudantes; trazia indícios e vestígios sobre as ações educativas, sociais e políticas dos centristas, nas quais estes elaboravam suas próprias compreensões e discussões acerca do movimento educacional por eles conduzido. As narrativas estudantis *publicizadas* sobre os seus interesses e suas ideologias, desde a prática jornalística dos discentes, possibilitou registros do desenvolvimento do movimento estudantil secundarista<sup>4</sup> liderado pelo Centro Estudantil Campinense.

---

<sup>4</sup> Sobre o movimento estudantil secundarista, Araújo (2007) o caracteriza, entre os anos de 1945 e 1964, como de ampla participação dos/as estudantes em debates dos grandes temas nacionais. A autora leciona que no Brasil ele "se consolidou como um movimento organizado, com grande capacidade de mobilização de massa e com uma direção política crítica e contestadora em relação ao Estado". Assim, os/as estudantes construíram "forças, identidades e tendências democráticas que criaram raízes e consistência política na sociedade brasileira" (ARAÚJO, 2007, p. 61-62).

Objetivou-se compreender o que motivou os integrantes do Centro Estudantil Campinense a criarem o jornal *Formação* e como este se constituía na condição de espaço de desenvolvimento da intelectualidade juvenil e de disseminação do ideário de educação dos estudantes. Na intriga<sup>5</sup> constituída para desvelar o escopo, questionam-se as motivações que levaram os centristas a produzirem suas narrativas em jornal, no *Formação*, bem como a maneira como estas eram desenvolvidas intelectualmente e difundidas.

O uso do jornal *Formação* como fonte e objeto de pesquisa foi possível porque nele estão expostos os mais variados embates em torno das manifestações estudantis, dos discursos de centristas e de outros estudantes que representaram o movimento estudantil nas suas práticas culturais, políticas e educacionais. Capelato (1988, p. 24), inclusive, assevera que a imprensa funciona como “um instrumento de manipulação de interesses e intervenções na vida social”, por isso o pesquisador deve investigar os jornais como agentes da História, capturando “o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas (suas) páginas” (CAPELATO, 1988, p. 20). A imprensa, todavia, em vez de espelhar a realidade, “passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época” (CAPELATO, 1988, p. 24). E, portanto, por meio da história amparada na imprensa é possível relacioná-la com a trajetória “política, econômica, social e cultural”. (MARTINS; LUCA, 2012, p. 8).

O jornal *Formação*, na condição de lugar de sociabilidades, torna-se fonte imperiosa para a História da Educação, haja vista que, como disseminador do discurso produzido pelos centristas, funcionou, além de objeto noticioso das práticas dos estudantes, como veículo de transmissão das ideias e aspirações que conduziam os posicionamentos educacionais e políticos dessa entidade estudantil e dos demais estudantes, formulando o espaço<sup>6</sup> do jornal como lócus de uma prática de discussão e produção literária.

---

<sup>5</sup> Comunga-se com as ideias de Guimarães Neto (2012, p. 31) quando afirma que “[...] há intriga todas as vezes que a História reúne fragmentos e dá sentido à diversidade, porque intriga (como atividade literária) cria efeito de coesão e torna possível o relato histórico, em que circunstâncias, objetivos, fins e acasos das ações de homens e mulheres adquirem novos significados”.

<sup>6</sup> O jornal *Formação* será pensado como transformado em um espaço pelos centristas, considerado como um lugar vivenciado, praticado, na medida em que os que produziram o

Levantou-se a hipótese de que os indivíduos participantes do jornal *Formação* possuíam oportunidade ímpar de pensar a educação e de formar-se intelectualmente, dado que os centristas tiveram mais oportunidades de estudar os projetos educacionais desenvolvidos na cidade, refletir sobre a educação formal e não formal<sup>7</sup>, problematizar as práticas escolares e discutir e defender seus posicionamentos com escritos jornalísticos.

Importa salientar que, para complementar o arcabouço de fontes para realização da pesquisa, além do jornal *Formação* como fonte principal, também se utilizaram outras fontes: dois jornais – *Tribuna do Estudante* (1951) e *Jornal do Estudante* (1953) – selecionados por veicular notícias críticas sobre a maneira como se conduzia a escolha das publicações no jornal *Formação*; e duas entrevistas, em História Oral Temática – gravadas, transcritas, textualizadas e validadas com a técnica geradora do discurso (FLICK, 2009) –, coletadas com três ex-centristas que participaram ativamente no jornal *Formação*, a saber: Josué Sylvestre<sup>8</sup>, José Morais Lucas<sup>9</sup> e Angelo Amorim<sup>10</sup>. Essas fontes possibilitaram o entrecruzamento das narrativas dos jornais estudantis com as memórias dos entrevistados, o que permitiu uma interpretação historiográfica mais fidedigna, holística e hermenêutica.

---

jornal exerceram sobre ele movimentos e usos. Dessa forma, o espaço também estaria ligado ao relato, constituído por fragmentos diversos, como as lembranças, que são unidas como uma “colagem” no intuito de produzir experiências em um determinado local (CERTEAU, 2007).

<sup>7</sup> A educação formal é sistemática, com objetivos predefinidos, geralmente amparados teoricamente por uma base curricular apoiada na figura do professor como mediador em sala de aula, enquanto a educação não formal, apesar de ser também intencional, acontece de maneira assistemática, em ambientes variados, sem horário fixo ou regularidade (LIBÂNEO, 2002).

<sup>8</sup> Josué Sylvestre, como estudante e militante, foi presidente do Centro Estudantil Campinense entre os anos de 1960 e 1962. Participou de congressos da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), chegando quase à diretoria; levou o Centro Estudantil Campinense para as reuniões das Associações dos Estudantes Secundários da Paraíba (Aesp), sendo o Centro a única entidade municipal; inaugurou a Casa do Estudante Félix Araújo em 1962. Sua atuação no movimento estudantil foi até o ano de 1963, quando, como vice-diretor da Ubes, teve seu mandato caçado no Conselho Nacional dos Estudantes por ausência de atividades na diretoria. Josué Sylvestre se “*livrou de punições do movimento de março de 1964*” (SYLVESTRE, 2013a) e hoje é historiador e escritor de obras sobre a política partidária campinense e seus políticos.

<sup>9</sup> José Morais Lucas foi líder estudantil e centrista entre os anos de 1955 e 1960, ingressando no Centro Estudantil Campinense como representante aos 15 anos de idade. Em 1956, foi eleito para o Conselho dos Representantes, ocupando os cargos de secretário de imprensa, vice-diretor e diretor do jornal *Formação*. Encerrou suas atividades no movimento estudantil no ano de 1961, quando ingressou na Faculdade de Medicina no Recife. Hoje é médico, jornalista e membro da Academia de Letras de Campina Grande (LUCAS, 2014).

<sup>10</sup> Angelo Amorim foi líder estudantil e centrista na década de 1950. Escritor e jornalista, hoje é jurista e promotor de justiça.

As análises dos documentos e narrativas foram possíveis a partir da “Nova História Cultural” (BURKE, 2008), com os avanços nas concepções acerca do que pode se constituir como fontes historiográficas e o alargamento de metodologias que passaram a ganhar visibilidade nas pesquisas históricas e permitiram outras maneiras de conhecer, compreender, interpretar e narrar a História. Documentações, como, por exemplo, os processos-crimes, as obras literárias, as crônicas, as memórias, as correspondências, as reportagens jornalísticas, os materiais iconográficos, os utensílios, dentre outros vestígios da humanidade, vêm sendo amplamente utilizadas na historiografia (CARDOSO, VAINFAS, 1997). Segundo Freitas (2006, p. 43), “a ‘Nova História’ foi um importante movimento que contribuiu para as mudanças dos procedimentos na pesquisa, no uso das fontes para se reconstruir a História”.

As entrevistas em História Oral Temática (MEIHY; HOLANDA, 2007), como técnica de coleta de dados, possibilitaram pôr em evidência as memórias dos entrevistados a partir do movimento da palavra de pessoas que narraram suas histórias de estudantes e de lutas, elegendo os acontecimentos marcantes e singulares que, embora individuais, afirmaram os valores socialmente compartilhados. Considerou-se, contudo, que quem narra suas lembranças recria um passado comunicado nas experiências do presente, que não é o retrato fiel desse passado, porque é recriado desde a percepção do presente e interpretado pela lente do pesquisador (GAGNEBIN, 2009). Ainda assim, as memórias dos ex-centristas são significativas, uma vez que esta os uniu, distanciou e emocionou.

Enveredou-se pela análise do discurso para a interpretação das produções centristas no jornal *Formação*. Essa técnica interpretativa compreende, à luz de Foucault (1979, 2008), que o discurso é uma rede de signos que se conectam a outras tantas redes de outros discursos. O discurso, nesse caso, deixa de ser a representação de sentido pelo que se debate ou se luta e passa a ser ele mesmo objeto de desejo pelo que se busca, dando-lhe, assim, o seu poder intrínseco de reprodução e dominação. Ou seja, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p. 10). Desde essa compreensão, a análise do discurso teve como função problematizar o resultado de diversos sistemas de expressão e controle de palavras, tanto

daquelas que foram limitadas quanto daquelas que puderam ser publicizadas no *Formação*.

## 1. Cultura impressa em Campina Grande-PB

Em Campina Grande-PB, no quadro de uma cultura impressa na cidade, no que se refere ao processo de escrita e publicação, era centralizada no periodismo nos jornais<sup>11</sup> e revistas. Os jornais que circularam nessa cidade<sup>12</sup> até a década de 1950 tinham como características, nas suas curtas publicações, um jornalismo informativo, crítico (alguns surgiram em oposição a outros jornais e/ou ligados a um grupo político de oposição), humorístico, charadístico, literário e noticioso, bem como jornais com práticas específicas de lazer e enfoques ligados ao tema do romantismo e do humor.

Muitos dos jornais produzidos contavam também com participação de estudantes e intelectuais da época que os consideravam como “lugar de letrados”, interessados na prática de leitura, com pequenas matérias com poemas e outros textos de natureza literária. Ainda havia os jornais desportivos, a exemplo do *Treze*, ligado ao Treze Futebol Clube; ou ainda o *Lidador* (1922), como o primeiro jornal de “classes” da cidade, pertencente à Associação dos Empregadores do Comércio Campinense.

Como afirma Gaudêncio (2014, p. 259) sobre o fazer jornais em Campina Grande-PB nas primeiras décadas do século XX, o que se percebe “[...] É a identificação de um jornalismo boêmio, ativista e idealista, fora dos padrões profissionais, feito de maneira artesanal, muitas vezes, com jornais produzidos à mão ou compostos de caixas, à maneira primitiva e prensados aos impulsos pedal ou braçal”. Nessa mesma cidade, a profissionalização dos jornalistas e o advento da propaganda como fonte de renda, além da modernização da tipografia, só

---

<sup>11</sup> Sobre os jornais, Luca e Martins (2006, p. 11) inferem que são “um produto capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Eles não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público”.

<sup>12</sup> De acordo com Gaudêncio (2014, p. 261), os jornais que circularam em Campina Grande-PB até a década de 1950 eram formados, “de maneira geral, salvo poucas exceções, com folhas impressas de quatro páginas, com duas a quatro colunas, constituídos por pequenos grupos, formados por dois ou três sujeitos, com seus escritórios e redações, adaptados em suas casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas”.

seriam vivenciados de maneira consistente na década de 1950<sup>13</sup>, com a inauguração do *Diário da Borborema*<sup>14</sup> em 1957, no qual uma equipe de jornalistas estabeleceu uma forma profissional e moderna de produzir jornal.

O fazer jornais, todavia, foi uma das atividades centrais de grêmios escolares, associações recreativas e grupos literários. As folhas impressas circularam em poucos números, em periodicidades mínimas, com poucos deles chegando a se afirmar dentro do campo jornalístico, exceções feitas aos jornais políticos e partidários, como o *Correio de Campina* (1912-1927 – pertencente ao grupo político ligado a Cristiano Lauritzen, prefeito de Campina Grande-PB) e *O Rebate* (1932-1963), que funcionaram durante décadas (GAUDÊNCIO, 2012).

Quanto às experiências dos estudantes com as escritas jornalísticas, estes foram responsáveis pela organização de diversos periódicos que circularam na cidade entre os anos de 1936 e 1967: *O Colegial* (1935-1940); *A Voz da Mocidade* (1936); *Tribuna do Estudante* (1951); *Jornal do Estudante* (1953). Produzidos muitas vezes com recursos dos próprios estudantes, esses jornais foram apropriados como instrumentos noticiosos, sendo eleitos como veículos privilegiados de divulgação e transmissão de seus discursos sobre aquilo que os interessavam e os dividiam com mote na educação libertária (VASCONCELOS, FIALHO, LOPES, 2018). Os centristas, por sua vez, criaram um jornal oficial, o *Formação* (órgão independente do Centro Estudantil Campinense – 1936-1967), considerado por eles o mais importante jornal para veiculação de suas ideias, fato que motivou sua escolha como objeto de estudo da pesquisa em tela.

As sociabilidades intelectuais em Campina Grande-PB se impuseram em forma de impressos, que projetaram na cidade as ideias de diferentes grupos políticos, intelectuais e estudantes locais. Desse modo, a imprensa se constituiu como espaço de manifestações e projetos políticos, sociais e ideológicos desses sujeitos. Nesse contexto, o lazer, o político e o literário, por exemplo, traduziram-se como temas de seus anseios; consecutivamente, o estudo criterioso desse

---

<sup>13</sup> É a partir da década de 1950 que o jornalismo afirma-se como “fala autorizada em relação à constituição do real. O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico” (BARBOSA, 2007, p. 151).

<sup>14</sup> O *Diário da Borborema* “foi criado em 2 de outubro de 1957 como resultado de uma promessa feita por Assis Chateaubriand ao povo campinense. Pertencentes aos diários e emissoras associados desde o final dos anos 1950, esse órgão de imprensa teve importância fundamental na História de Campina Grande nos mais diversos aspectos, econômico, social, cultural e político” (MONTENEGRO, 2017, p. 69).



meio de comunicação permite compreensão mais apurada de aspectos singulares à vida e às coletividades, em suas singularidades sociais, culturais, econômicas, políticas e educacionais.

## **2. O jornal *Formação* como espaço praticado pelos estudantes**

O jornal *Formação* circulou pela primeira vez em 11 de agosto de 1936, tendo como primeiro diretor e redator o centrista Claudio Agra Porto<sup>15</sup>, escolhido junto com os 21 representantes que compunham as diretorias do Centro Estudantal Campinense, por intermédio de eleições estudantis, que eram realizadas a cada ano nas escolas da cidade. Catalogou-se apenas 19 exemplares – entre os anos de 1936 (ano de publicação do primeiro volume), a 1967, encontrados no Arquivo de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e no Arquivo Museu Municipal de Campina Grande.

Apesar de o jornal possuir um período longo de existência, sua produção foi esporádica e não se sabe ao certo quantos jornais foram editados, devido ao fato de os números das edições do jornal não seguirem uma cronologia. Acredita-se que esses números das edições foram posicionados quando se formava uma nova diretoria e eram contados a partir da sua primeira publicação. O que prevalecia na impressão era o ano da fundação do Centro Estudantal Campinense e isso impossibilitou saber quantos jornais foram publicados.

Na composição de fundos para o financiamento do referido jornal, além dos assinantes e da venda no varejo, “subsistia da venda de exemplares, de colaboradores e da publicidade; sua circulação era mensal, sendo algumas vezes interrompida por problemas financeiros” (NASCIMENTO, 1990, p. 177), combinando-se verbas de políticos locais e confecções de carteirinhas de estudantes. Logo, ainda que os próprios centristas fossem editores e redatores responsáveis pela escrita, impressão, produção e circulação do jornal, havia um custo; e o jornal não era autossustentável.

---

<sup>15</sup> Claudio Agra Porto além de ter sido o primeiro diretor do jornal *Formação*, em 1936, também foi vice-presidente da Academia D. Adauto, agremiação líterossocial em 1935 e presidente em 1936, vice-diretor do Centro Estudantal Campinense, neste mesmo ano. Estudante do Colégio Pio XI, escreveu nos principais jornais estudantis como o *Formação* e *O Collegial*, e atuou no movimento estudantil liderado pelo CEC.

Destarte, selecionou-se para análise apenas algumas edições, devido ao limite de paginação e objetivos propostos neste artigo: 1936, por ter sido o número inaugural e explicitar em suas reportagens a motivação da criação do impresso como espaço de desenvolvimento da intelectualidade juvenil campinense naquele contexto; 1940, por se tratar de uma edição focada no debate do ideário da educação como mola propulsora do desenvolvimento regional e nacional; e as edições de 1952 e 1953, ambas voltadas, exclusivamente, ao balanço histórico da entidade estudantil a partir dos feitos das suas lideranças e, por conseguinte, apontando para desafios vindouros das lutas estudantis no cenário da redemocratização do Brasil.

Conforme exposto, a publicação do primeiro número ocorreu em 11 de agosto, data em que se comemora o Dia do Estudante. Para esse dia, o *Formação* trouxe:

O fervor circula, como o sangue, em todo o seu corpo (de estudante), penetra nas menores entranhas da matéria que o compõe e abala entusiasmadamente o seu espírito apegado diariamente aos livros. Por isso é um grande dia. Dia de sua índole, dia de sua profissão, dia do seu espírito em formação e finalmente dia no qual se resume o caráter estudantino (FORMAÇÃO, 1936).

Esse jornal foi produzido e apropriado como instrumento discursivo, sendo selecionado pelos centristas como veículo privilegiado de divulgação e transmissão de seus discursos sobre eles e sobre o movimento de estudantes campinenses. Dessa maneira, o jornal *Formação* serviu de informação dos discentes em questões de política, cultura e literatura (SYLVESTRE, 1988), mas também de espaço formativo. Em sua primeira edição de 1936, já anunciava: “Não se poderia compreender uma sociedade exclusivamente de estudantes que não tivesse uma arena larga para delinear as primícias ideias oriundas do cérebro estudantil” (FORMAÇÃO, 1936).

O movimento estudantil liderado pelo Centro Estudantil Campinense possuiu características peculiares e particulares em relação a outros movimentos estudantis desse período, pois foi apropriado por estudantes, chamados de centristas, com ideias e posicionamentos políticos e partidários, que buscavam, sobretudo, retornos futuros. Todavia, no que pese sua aspiração e atuação prioritária nas demandas de âmbito local, o CEC não ficou alheio às bandeiras

nacionais, sobretudo da educação, vista como elemento da cultura de desenvolvimento do país, no contexto da modernização autoritária empreendida na vigência do Estado Novo (ROMANELLI, 1993).

Desde a chegada de Vargas ao poder o cenário político tornou-se bastante conturbado com a nomeação de interventores federais e a ideia de combater a subversão ideológica, que refletia uma educação dual pautada na profissionalização dos pobres enquanto os mais abastados financeiramente prosseguiram nos estudos para galgar espaços de prestígio no âmbito laboral (SHIROMA; MORAES; ERVANGELHISTA, 2011). O CEC não ficou alheio a conjuntura nacional e posicionou-se contrário às ideias de ordenação moral e cívica, da obediência irrestrita e do adestramento da classe trabalhadora, inclusive, questionando as reformas implantadas pelo Ministro Capanema, na década de 1940, por meio das leis orgânicas, que priorizavam a formação industrial, comercial e agrícola para manter os menos favorecidos trabalhando e distantes do ensino secundário e superior (BUFFA, 2018).

O jornal *Formação* expressava, desse modo, as relações do movimento estudantil com os debates educacionais mais amplos, especialmente, no que dizia respeito a universalização e consolidação da educação pública gratuita e qualidade. Essa bandeira foi defendida também pelos centristas, que endossavam as aspirações de Florestan Fernandes, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, dentre outros apoiadores do manifesto pela educação em defesa da escola pública (SAVIANI, 2014). Tal modo que é possível, por meio do jornal *Formação*, ampliar a compreensão de como os estudantes elaboravam mecanismos de fuga para questionar o poderio do Estado estudando projetos educacionais desenvolvidos no âmbito municipal e nacional, ou seja, o impresso possibilitava entender tensões estudantis com a lente da micro história sem perder de vista os aspectos macro sociais em que essa realidade específica se inseria (LEVI, 1992).

Como entidade local, focou na formação política e literária dos associados, projetando-os no cenário político, ao dar visibilidade às suas conquistas estudantis (BANFIELD; HADUNTZ; MAISURIA, 2016). Dessa forma, pode-se observar, nesse ideário formativo, a exaltação de alguns dos personagens que mais se envolveram na constituição do jornal e na defesa dos valores desempenhados pelos centristas:

*História do Centro Estudantil Campinense: UMA SINCERA E JUSTA HOMENAGEM A TODOS AQUELES QUE COLABORARAM NA FORMAÇÃO DO 'CENTRO', HOJE, COM DEZESSETE ANOS DE VIDA GLORIOSA E ÚTIL AOS ESTUDANTES CAMPINENSES: [...] Poderia, ainda, escrever centenas e centenas de nomes. Preferi, porém, citar os vinte primeiros e escolher, ao acaso, folheando o velho livro de Registro já amarelecido pelo tempo, alguns nomes daqueles que, nessa época moços e idealistas e hoje amadurecidos, de consciências delineadas e posições definidas, talvez – quem sabe? – já se esqueceram, até, dos seus brilhantes passados quando da fundação do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE. ONTEM, estudantes pobres e idealistas. HOJE, homens honrados e dignos. Eis aqui alguns nomes: Degmar Fernandes com 15 anos naquele tempo; José Fernandes Dantas – 18 anos; Dr. Vicente Nogueira Filho – 15 anos; João Pedrosa – 19 anos [...]. (FORMAÇÃO, 1952, p. 2, grifos do jornal).*

Essa homenagem do jornal explicita a valorização do ideário de engajamento daqueles que “fizeram” o espaço do Centro Estudantil Campinense, mas não de todos, apenas dos que conquistaram o significado de “homens honrados e dignos”. Para isso, precisava ser provido de entusiasmo literário e atuante no desenvolvimento de ações em prol da formação identitária da classe estudantil e melhorias para os estudantes (PEREIRA; REBEIRO, 2017). O jornal promoveu artigos e matérias relacionados à importância das ações dos centristas, na tentativa de sempre reativar as atividades da entidade estudantil e de “chamamento” para a participação de mais estudantes a cada novo impresso produzido.

Contar, registrar, expor os nomes, referir os feitos, produzir memórias, esse foi o objetivo dessa matéria acima, ratificando nessas páginas a importância que o Centro Estudantil Campinense teve para a cidade e que deveria continuar seus “brilhantes passados” (FORMAÇÃO, 1952, p. 2). Também no aniversário de 18 anos da entidade os centristas enaltecem mais um ano de existência do CEC, dando graças aos estudantes campinenses que dele fizeram parte:

TRANSCORREU no dia 6 em maio de festividades comemorativas o 18º aniversário de fundação do *Centro Estudantil Campinense*. É um motivo de satisfação, que renova em cada 6 de Outubro que passa, porquanto temos que foi mais um etapa vencida, de lutas que se revertem em vitórias, enaltecendo deste e cada vês mais a pessoa do Estudante Campinense [...] Já é fato notório em toda a PARAÍBA, o valor do Estudante Campinense, com seu espírito formado entre as paredes sagradas do *PIO XI* ou *Alfredo Dantas*, do

*Imaculada Conceição* ou *Estadual*, aumentando esse valor na razão direta de uma luta que se renova. O *Centro Estudantal Campinense* fundado há 18 anos, por uma plêiade de idealistas, cujos nomes ficaram imperecíveis até nós e continuarão a receber os aplausos dos pósteros, já se acha inserido no grande livro dos fatos evolutivos da Cidade Rainha, não podendo ficar esquecido o valor do mesmo, quando se destaca com ardor e coragem em suas memoráveis campanhas [...] (FORMAÇÃO, 1953).

Referenciando o papel da luta dos estudantes, tendo nesse processo a confluência na formação política da juventude campinense, nessa citação os centristas marcam como expressiva a atuação dos estudantes e o papel que desempenharam no cenário estudantil local, sem deixar de expressar as suas disposições na luta da *classe estudantil* e marcar presença por intermédio da citação dos nomes daqueles que passaram pelo CEC e que foram considerados relevantes para o legado da entidade estudantil.

Assim, o jornal trazia posicionamentos políticos divulgando notícias sobre o Centro Estudantal Campinense, nos quais expressava suas visões em assuntos referentes ao “mundo” estudantil, produções poéticas e posicionamentos políticos e partidários. Editado com interrupções, devido às dificuldades de mantê-lo, o *Formação* possuía um corpo editorial que não era formado apenas por discentes secundaristas, mas por intelectuais da cidade que colaboravam com os artigos nas edições. As publicações foram escritas, inclusive, por muitos que já haviam deixado o Centro Estudantal Campinense e ingressado no nível superior e/ou que já eram jornalistas profissionais, mas que ainda mantinham vínculos com os centristas.

O jornal *Formação* apresentou discursos para os centristas que os qualificavam como politicamente engajados. O nome do jornal, *Formação*, já indicava o projeto maior: “formar” mais “ação”. A terminologia “Formação” esteve inserida, entretanto, na ideia de formar os estudantes nas suas “primeiras” visões políticas, ideológicas e literárias – já que o Centro Estudantal incluía estudantes secundaristas na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade –, mas também de produzir ativismo político, como se observa na reportagem adiante:

E uma vez que a massa estudantil se agita, se inflama, se entusiasma, nasceu como resultado d’estas consequências esta folha. *Formação* também trouxe a visão de que os estudantes

necessitavam de incentivo ao acesso do saber, que seriam possibilitados por essa entidade estudantil e transmitidos neste jornal criado em torno dessas necessidades, que consideraram como 'agitações estudantis' [...] (FORMAÇÃO, 1936).

Nesse mote, o modelo de estudante que se almejava formar era o do aluno culto, atuante e engajado na luta pela conquista dos interesses coletivos formulados no bojo das discussões internas do Centro Estudantil: “[...] A constituição de nossa intelectualidade, e logo que é o órgão de uma agremiação compete também a defesa de seus respectivos interesses, elevação da nossa classe. O estudante ideal é um idealista; é um producto do gosto pelas letras” (FORMAÇÃO, 1936).

Através do ideário de engajamento, foram construídos discursos e narrativas nesse jornal como espaço de que os centristas se apropriaram e utilizaram para desenvolver a política do Centro Estudantil Campinense. Como lugar de memória, o espaço foi usado também para a comemoração de aniversários e para a realização de atos considerados importantes, para os quais se organizavam celebrações, pronunciavam elogios, notariavam atos e ações, elevando o nome do Centro Estudantil e defendendo posicionamentos e ideologias que narravam histórias e memórias nas suas representações de lideranças estudantis.

Uma constante encontrada nas páginas do jornal *Formação* diz respeito aos artigos dedicados à educação da juventude campinense ligados ao progresso e desenvolvimento da sociedade com a seguinte frase: “É o saber a base essencial do progresso” (FORMAÇÃO, 1936, p. 3). Nesses artigos, também se enfatizava a administração de alguns governantes, ao explicitar seus posicionamentos políticos sem esconder as preferências por um determinado político ou partido, emitindo opiniões parciais:

Desde o governo do Dr. João Suassuna que a Paraíba vem cuidando da instrução, não só na capital como no interior onde aquele estimado estadista deu início à construção de vários Grupos Escolares [...]. Campina Grande, que é uma cidade de numerosa população, sentia a falta de educandários, era insuficiente para abrigar um grande número de educandos. [...] assim a Paraíba é feliz, porque a instrução é incentivada aqui, com desvelado zelo de seus governantes (FORMAÇÃO, 1936, p. 3).

Com reportagens de caráter político, os estudantes acompanhavam questões relativas às políticas educacionais, como a construção de escolas, necessidade eminente para a educação na época, bem como emitiam juízo de valor acerca das ações desenvolvidas pelos governantes. Outra constante encontrada nas páginas desse jornal são artigos referentes a temas sobre literatura, poesia e poetas, com assuntos envolvendo o mundo das letras e reportagens que narravam os discursos produzidos por esses autores e engrandecimentos de suas produções. Também havia páginas dedicadas à cultura, à sociedade e ao lazer, com as chamadas dos filmes nos cinemas existentes na cidade.

Nesses temas e discussões de cunho literário, encontra-se em seus artigos a defesa de formar intelectualmente a juventude campinense. Como exemplo, tem-se a realização de congressos estudantis, realizados dentro do espaço do Centro Estudantal, que tiveram como principais objetivos e fundamentos temas referentes aos problemas da educação:

a - estimular toda iniciativa que venha trazer o bem à classe estudantina quer no social ou desportivo; b - levantar o colegial paraibano deste estado de insegurança e descalabro moral em que está mergulhado; c - unificar a Classe de curso, de colégio em colégio, de cidade em cidade, de estado em estado, formando assim na máquina una, e forte para a grandeza e glória de nossa gente, para maior compreensão do problema da Educação e cultura do nosso povo; d- dar ao estudante as consciências de si, para que cada um seja um soldado da Educação; e- educar o jovem dentro de sua orbita estudantil, para que na sua vida futura êle saiba lutar, vencer; f- acudir sempre que possível, as necessidades mais angustiosas do estudante pobre, para que seja mais suave a sua tarefa (FORMAÇÃO, 1952, p. 1).

Desta forma, através desses congressos os centristas agiram em torno dessas questões, em formar uma *classe* coesa e solidária às causas estudantis, com discursos de união e pertencimento criaram relações de afetividade, de lutas e ações que colocaram o Centro Estudantal no cerne de questões relacionadas aos problemas pelos quais passavam os estudantes campinenses à época de suas atuações na interface com o contexto nacional. Para que isso fosse possível, criaram estratégias de convencimento por meio desses encontros e reuniões estudantis, com congressos, grêmios e grupos que manifestassem o ideal de engajamento.

Com lutas e disputas em projetos educacionais desenvolvidos na cidade, os centristas propiciaram debates acerca da importância do ensino público para a juventude, destacando-se algumas preocupações sobre os rumos da educação da época. Com isso trouxeram para o jornal *Formação* os problemas da instrução pública:

Em um país como o nosso, onde não existe unidade de raça, a escola é um fator predominante na formação da mentalidade de nosso povo, tendo ela uma função educacional que não se pode desconhecer. Parece-nos que o ensino além de ser gratuito em seu grau primário, deveria também ter obrigação de matrícula e frequência [...] O estudante pobre que demonstrasse certa habilidade e tivesse ideal definido, deveria ter garantia a continuação de seus estudos nos cursos secundários e superior, pois como já vimos a instrução, além de ser um fator educacional é também um dos principais fatores do progresso de uma nação (FORMAÇÃO, 1940, p. 4).

Discorrendo sobre a formação dos estudantes através da educação, o jornal discutiu a importância do ensino nas escolas para, principalmente, a formação do caráter dos indivíduos e o desenvolvimento do país, pois, sem uma educação para todos e de qualidade, seriam grandes os “prejuízos morais, causados por gerações desnorteadas e mal orientadas” (FORMAÇÃO, 1940, p. 4). Ao expor essas considerações na defesa dos problemas educacionais dos jovens campinenses, os centristas destacaram para os demais estudantes os princípios daquilo que consideravam como sendo necessário à juventude brasileira:

Hoje, mais do que nunca, estamos certos de que o futuro de um país está na sua juventude. Esta merece todos os cuidados dos dirigentes nacionais para que se formar em um ambiente de civismo, de são patriotismo, de muita disciplina de confiança inquebrável em um Elife (*sic*) que dirigi e a conduza para um grande futuro. Possuindo uma mocidade assim formada e educada, embuída de uma verdadeira mística da Pátria, nós seremos espiritualmente, como já o somo politicamente, um bloco uno e indivisível (FORMAÇÃO, 1940, p. 3).

O jornal *Formação* teve uma grande representatividade nas discussões sobre educação da juventude e sobre a defesa de um ensino público e de qualidade. Esta imprensa, na condição de veículo de informações relativas ao campo cultural e educacional, configurou-se como um meio de comunicação capaz



de traduzir o contexto social, na medida em que mobilizou opiniões e propagou ideias. Criados muitas vezes com recursos próprios, esse impresso ganhou espaço de influência na cidade. Através da escrita, os discursos nos jornais permitiram aos centristas não apenas informar, mas, também, problematizar questões e posicionamentos a partir de suas visões, constituindo-se espaço de divulgação de interesses e transmissão de ideias daqueles que estiveram à frente do jornal.

Vale ressaltar, contudo, que o jornal *Formação* não era tão democrático como se poderia pressupor, já que os estudantes podiam mandar suas publicações para o periódico, mas estas eram analisadas pela comissão da direção do próprio jornal. Havia uma triagem que selecionava o que seria ou não publicado, de acordo com os interesses e ideais políticos e partidários dos dirigentes. Essa compreensão foi possível desde as entrevistas realizadas com os ex-centristas e diretores do impresso, Josué Sylvestre e José Morais Lucas, ao serem questionados sobre a comissão que editava os textos a serem publicados. Eles informaram que era escolhido o “melhor texto” ou aquele que seria “melhor encaixado ao que iria ser publicado” (LUCAS, 2014; SYLVESTRE, 2013a), e que essa seleção ficava sob a responsabilidade do diretor e também presidente do Centro Estudantal.

Importa destacar que o trabalho da comissão para escolher os textos (que incluíam também crônicas, poemas, poesias e dedicatórias) a serem publicizados no jornal *Formação* foi, inclusive, criticado pelo jornal *Tribuna do Estudante*<sup>16</sup>, que o chamou de Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>17</sup> mirim. A crítica ocorria em função de a direção do Centro Estudantal haver construído uma comissão para revisar os trabalhos a serem publicados no jornal, vetando as matérias consideradas inoportunas ou de ideologia distinta, com alegação de que seriam sem a “ascendência cultural”. Se o jornal *Formação* expressava os

---

<sup>16</sup> O jornal *Tribuna do Estudante* (Campina Grande-PB, 1951) teve como diretores o centrista Noaldo Dantas e Wallace Figueiredo e como secretário Evaldo Gonçalves. Encontrou-se apenas um exemplar desse jornal, de novembro de 1951, em que havia matérias relacionadas aos estudantes campinenses e crítica à condução editorial do jornal *Formação*.

<sup>17</sup> O DIP foi criado no Governo Vargas e se tornou um órgão coercitivo da liberdade de pensamento e expressão e porta-voz do regime. “De acordo com o decreto que lhe deu origem, tinha como principais objetivos centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir de elemento auxiliar de formação dos ministérios e entidade pública e privada; organizar os serviços de turismo, fazer censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa [...]” (Rejane Araújo, cpdoc.fgv.br/fatos-imagens).

problemas educacionais e os interesses dos estudantes, como entender a existência do "DIP" determinando o que poderia ou não ser veiculado? A disputa pelo controle da entidade levou estudantes a criarem outros jornais com a alegação de possibilidade de livre expressão, como foi o caso do *Tribuna do Estudante*.

Pôde-se perceber também que nem todos os estudantes eram adeptos das ações praticadas pelos centristas no Centro Estudantil, desconstruindo, dessa maneira, a imagem veiculada pelo *Formação* de um jornal que tentava demonstrar, em expressões repetidas nos impressos, a "união" e unicidade da identidade estudantil. A universalização e homogeneidade de pensamentos e ações que fomentavam o "pertencimento" de todos, como demonstrado nos escritos do *Formação*, não ganhavam respaldo entre os estudantes campinenses, já que muitos não aceitavam o Centro Estudantil como "porta-voz" dos seus interesses (FORMAÇÃO, 1953).

Para demonstrar oposição com relação às atitudes dos diretores do jornal *Formação* no tocante às publicações nesse impresso, o *Tribuna do Estudante* não deixou de manifestar suas críticas ao diretor e redatores do *Formação* no artigo "O Centro e o seu DIP"; considerou o "DIP" do Centro Estudantil Campinense como tendo violado a "democracia", já que retirava de todos que escreviam na imprensa o direito à livre liberdade de expressão. Para eles, porém, o *Formação* nunca deveria "ter usado da faculdade de publicar ou não um artigo sob o pretexto de não ter sido êle escrito como desejam os censores do CEC", que deveriam não apenas aceitar seus escritos, mas também incentivar os estudantes para a escrita (TRIBUNA DO ESTUDANTE, 1951, p. 3-6).

Contudo, o *Tribuna do Estudante*, ao expressar os desejos de sua criação na matéria "Por que viemos à luz", narrou não ser "concorrente ao órgão oficial do Centro Estudantil Campinense", o "valoroso" *Formação*, justificando que havia sido criado através da necessidade dos estudantes campinenses de possuírem um jornal em que pudessem debater suas ideias sem a "menor vigilância e pressão", denominando-se, pois, como um jornal que "serviria" aos interesses da classe estudantil:

Um estudante quando escreve se aventura a publicar qualquer produção sua é por julgá-lo capaz de publicação ou, vamos dizer

melhor, é para experimentar a sensação de ser lido pelos seus companheiros e criticado de fôrma a evoluir intelectualmente. Essa é a verdadeira finalidade do jornal do Centro. A Comissão criada é inoportuna. O trabalho de um principiante deve ser considerado sempre bem. Ele próprio, depois de colaborar por algumas vezes em nosso órgão oficial, adquirirá censo crítico bastante para verificar certos erros e determinadas omissões. É triste para um calouro ver criticados seus enganos e ridicularizados os seus primeiros passos para a ascensão literária. Lembrem-se os senhores da COMISSÃO DE CENSURAS & SEUS ACESSORIGS [sic] que um jornal da mocidade deve ser, antes de tudo, um veículo para revelação de valores e elevação do nome da classe. Se desejarem transformar o nosso querido 'Formação' em cobaia para as experiências com um novo DIP assume a responsabilidade pelo que a reação da classe poderá provocar. Apela ainda para a comissão no sentido de não repetir a proibição feita ao companheiro NOALDO DANTAS de responder a um artigo do prezado companheiro Roberto Domingos. Da discussão nasce o esclarecimento e do silêncio cresce o medo (TRIBUNA DO ESTUDANTE, 1951, p. 3-6, grifos do jornal).

O *Jornal do Estudante*, criado em 1953, foi outro periódico que também trouxe críticas ao jornal *Formação*. Assim como o *Tribuna do Estudante*, propôs-se a criar um jornal que defenderia as "necessidades dos estudantes"; com relação ao "livre" acesso de publicar seus escritos para esses jornais, o *Jornal do Estudante*, em retaliação ao *Formação*, publicou:

Na sessão do dia nove de agosto, a assembleia Centrista se ocupou quase exclusivamente em discutir o aparecimento do 'JORNAL DO ESTUDANTE' – E alguns desses conceitos vieram empregnados de inciseridade [sic] – Por que essa 'onda' de falsa indignação se apossou de alguns Representantes? Será que esses moços querem toller [sic] nosso direito de imprimir um jornal? Não somos divisionistas, o que desejamos é um jornal. Nada mais, nada menos que um jornal. Esse fato desagradável muito nos entresticeu [sic]. Vimos, por exemplo, o Snr. Secretário Geral, num rasgo de incoerência, criticar asperamente a saída desse jornal. Desaprovamos esse discurso como inconsequente e desleal. Ressaltamos, entretanto, a atitude democrática do senhor presidente, que se conduziu de maneira errada, na direção dos trabalhos, se regrado, principalmente pela honestidade de suas palavras (JORNAL DO ESTUDANTE, 1953, p. 4, grifos do jornal).

Esses jornais – *Tribuna do Estudante* e *Jornal do Estudante* – trouxeram para o debate as críticas proferidas pelo presidente do Centro Estudantal e diretor do *Formação*. Eles disseminavam outra perspectiva, com política mais livre e flexível de ingresso na cultura dos impressos para os estudantes iniciantes que desejassem

publicar seus textos em jornal, diferentemente do jornal oficial do Centro Estudantil. Por sua vez, o *Formação* se definiu como aquele que tinha como principal objetivo estar a “serviço do desenvolvimento cultural do estudante campinense” (SYLVESTRE, 2013b), alegando livre acesso ao discente à palavra e à busca do conhecimento.

Os estudantes que escreviam crônicas, poemas, poesias e artigos e tiveram seus escritos expostos no jornal estudantil *Formação* foram considerados privilegiados, pois as análises demonstraram que a prática de escrever em jornal era uma linguagem permeada por instrumentos não específicos para a escrita jornalística, mas como ferramenta de poder-saber através do lápis e papel impresso<sup>18</sup>. A criação de jornais pela classe estudantil se tornou um instrumento de legitimação, distinção e divulgação de textos literários e políticos (GAUDÊNCIO, 2012).

No tocante à publicação de textos literários e políticos, estes estavam inseridos num projeto maior que se pautava na lógica das ideias defendidas pelas leis do Centro Estudantil Campinense de formação dos estudantes por meio da leitura e da escrita, como foi descrito no estatuto ao explicitar seus objetivos:

a) congregar a classe (estudantil) a fim de que haja entre seus elementos a maior solidariedade; b) proteger os estudantes pobres que fizeram parte do Centro; c) resolver questões da classe e defender seus direitos; d) combater o analfabetismo; e) desenvolver a cultura física dos associados; f) prestar ajuda moral e material às associações congêneres que visem à proteção da juventude a critério da Diretoria (NASCIMENTO, 1990, p. 130).

Para isso, trouxeram discussões referentes à literatura, para as quais os jornais publicaram artigos, crônicas e poemas escritos pelos estudantes, incentivando-os à formação nas letras. Para escrever, era necessário ler; para ler, era preciso possuir acesso aos livros:

*Aí, repare bem, era muito limitado. Os que se destacaram utilizaram muito a biblioteca municipal, e aí cada um no seu, na sua vocação, né? Eu imagino que não havia obras assim do Direito, nem da área da Medicina, nem da área da Engenharia; havia, dada a grande quantidade de obras na biblioteca municipal, que eu frequentava*

---

<sup>18</sup> Para Certeau (2007, p. 225), “escrever é uma atividade que consiste sobre um espaço próprio, a página, em construir-se um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”.

*permanente (no tempo de férias, eu passava praticamente o dia na biblioteca), na minha área, Literatura, ficção; eu lia os principais romancistas nacionais, eu li clássicos um atrás do outro, e essa era a Literatura mais ou menos de outros colegas com que eu tinha comunicação mais forte, que é o caso de Agnelo Amorim. É porque cada um procurava socializar e se aprofundar na sua área, né? Mais o meu relacionamento era mais com gente de Literatura (SYLVESTRE, 2013a).*

A narrativa supracitada exprime que existia uma relação de reciprocidade e proximidade entre os estudantes que se interessavam pelas mesmas leituras. Essas relações significavam, para além de desenvolver leituras, a inserção em discussões mais amplas no conjunto dos espaços destinados à prática do estudo, “saindo” das matérias escolares para interagir com grupos de intelectuais. O depoimento transcrito torna-se significativo por asseverar a dificuldade enfrentada pelos estudantes para terem acesso aos livros, bem como com relação ao número limitado de alunos que se dedicavam à leitura de uma área específica e à escrita jornalística.

Com relação à ligação entre intelectuais e estudantes por intermédio da leitura de livros, era possibilitada no interior das casas das elites campinenses<sup>19</sup> e de letrados, em “escritórios, gabinetes e bibliotecas”, com aquisições e com exibição de obras pelos leitores:

*Havia muita gente que não lia, mas havia muita gente que lia e se interessava pelos romances da época – Literatura, do tempo, os traços do mundo – se discutia muito. Os centristas do Centro Estudantil Campinense eram tidos na cidade como intelectuais, né? Havia uns que eram intelectuais de axila. Quer dizer, que andavam com os livros debaixo do braço, mas não liam, não. Era a cultura do sovaco (AMORIM, 2013).*

Ser intelectual possibilitava frequentar espaços de prestígio social; como uma das principais características de um intelectual<sup>20</sup> era a posse de livros e sua leitura,

---

<sup>19</sup> Elite campinense era parte de uma população homogênea de famílias ligadas ao comércio e à política. O termo refere-se “àqueles que, por meio da aparência, e não apenas do dinheiro e do poder, deixam visíveis as diferenças que marcam o abismo existente entre eles e a sociedade comum, abismo do prestígio, do estilo de vida, do acesso ao mando” (WANDERLEY, 2010, p. 126).

<sup>20</sup> Comunga-se com as ideias de Sirinelli (2009, p. 47) sobre intelectuais, relacionada à noção de engajamento: “Os intelectuais, são, por seu ofício, os detentores do sentido das palavras: eles as forjam e as transmitem, e por isso mesmo se encontram nos dois lugares-chave da expressão cultural: a formulação e a transmissão. Seu papel na gênese e na circulação tanto das culturas

os centristas que se consideravam como tais ou queriam se inserir nesses espaços portavam livros debaixo dos braços, ainda que não os lessem, como apontou Agnelo Amorim (2013) ao falar sobre “a cultura do sovaco”. Com efeito, diferentemente do modelo de intelectual proposto por Josué Sylvestre, de estudante centrista que lia livros nas bibliotecas da cidade, Agnelo Amorim narrou o “antimodelo”, retratando aquele estudante que apenas carregava o livro debaixo do braço, mas não o lia, fazendo-se passar por intelectual.

Infere-se, pois, que publicar no jornal *Formação* gerava prestígio e reconhecimento de intelectualidade, já que esse periódico era disseminador da prática da escrita literária e política. Para isso, o papel da imprensa na construção da imagem dos centristas foi um fator importante, pois as matérias produzidas os legitimavam como representantes dos estudantes, como lideranças estudantis e líderes das “coberturas” dos eventos proporcionados pelo Centro Estudantal. Em homenagem ao aniversário de 18 anos do Centro Estudantal Campinense, o jornal *Formação* organizou, inclusive, uma lista com os nomes dos centristas que atuaram mais enfaticamente no Centro Estudantal até a data de 1953, posicionando fotos em nível de importância no que concerne à atuação segundo critérios de Ronaldo Cunha Lima<sup>21</sup>, então editor do jornal.

**Figura 1** - Jornal *Formação* (outubro de 1953, ano 18, n. 3, p. 3)

---

políticas quanto de certos processos de memória constitui, pois, uma realidade histórica inegável”.

<sup>21</sup> Ronaldo Cunha Lima foi líder estudantil, sendo vice-presidente do Centro Estudantal Campinense e diretor do jornal *Formação* entre os anos de 1951 e 1955. Foi vereador e prefeito de Campina Grande por duas vezes – a primeira em 1968, sendo cassado pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5), e a segunda em 1982 – e deputado, senador e governador da Paraíba. Morreu em 7 de julho de 2012. Sua morte teve repercussão nas redes sociais e amigos e políticos da cidade e do estado prestaram homenagens em forma de escritos que narraram sua trajetória como estudante-centrista, poeta e político campinense.



Fonte: Formação (1953, p. 3). Arquivo da Biblioteca Átila Almeida – UEPB.

Josué Sylvestre definiu essa exposição de fotos como a “[...] galeria da saudade e da recordação, é a galeria da glória. É uma lembrança que nos encoraja a continuar mantendo essa bela tradição de heroísmo” (FORMAÇÃO, 1953, p. 4). As comemorações de aniversário de criação do Centro Estudantil Campinense trouxeram reportagens com os nomes dos centristas que dele fizeram parte e a importância da entidade para a cidade, exaltando personalidades e lançando luz aos poucos estudantes que galgavam espaços com escritos no jornal. A edição do *Formação* de 1953 (ano 18, n. 3) foi quase por completo editada para essa finalidade, comemoração de aniversário de criação do Centro Estudantil, que trouxe matérias e artigos que narravam as “glórias” dessa entidade estudantil e as ações dos centristas. Para afirmar e, conseqüentemente, para se afirmarem, os centristas buscavam discursos em torno de acontecimentos e de “grandes”

personagens do passado do Centro Estudantal Campinense a fim de justificar e consolidar a imagem de liderança.

### **Considerações finais**

O artigo questionou acerca da motivação que levou os estudantes do Centro Estudantal Campinense a constituir o jornal *Formação* e como este era apropriado para disseminação do ideário de educação. Para desvelar tal inquietação, elaborou-se uma pesquisa documental que utilizou o jornal *Formação* como fonte primária, complementada com outros dois jornais – *Tribuna do Estudante* e *Jornal do Estudante* – e duas entrevistas em História Oral Temática com ex-centristas – Josué Sylvestre e José Morais Lucas. Objetivou-se, todavia, compreender o que motivou os integrantes do Centro Estudantal Campinense a criar o jornal *Formação* e como este se constituía como espaço de disseminação do ideário de educação dos estudantes centristas.

Os resultados permitiram inferir que, ao buscar espaços de atuação, os centristas discutiam ideias, posicionamentos, bem como atacavam e defendiam políticos locais. A disseminação de tais debates, por intermédio do jornalismo, motivou a criação do jornal *Formação*, que se tornaria veículo imperioso para a divulgação das discussões, ações e práticas de liderança realizadas pelo movimento estudantil no interior do Centro Estudantal Campinense na cidade de Campina Grande.

Desse modo, os centristas criaram o jornal *Formação* como meio noticioso para expor seus posicionamentos políticos e ideológicos, no qual os interesses relativos aos estudantes se coadunavam àqueles imediatos às necessidades dos próprios centristas e se propagariam para os outros estudantes, constituindo-se como veículo para se divulgar defesas, acusações, protestos e demais ideologias constituídas sobre aquilo ou aqueles que os aproximavam ou os incomodavam.

Ainda que por vezes excludente ao selecionar criteriosamente as reportagens e demais publicações a serem veiculadas pelos estudantes e vetar conteúdos de opiniões divergentes, tornando o jornal *Formação* pouco democrático, confirmou-se a hipótese de que a participação no *Formação* promovia o desenvolvimento da intelectualidade juvenil, já que os centristas



tiveram mais oportunidade de debater e defender seus posicionamentos, inclusive estudando os projetos educacionais desenvolvidos na cidade, discutindo sobre a educação, a política local e outros assuntos pertinentes para a ampliação da criticidade.

Em suma, foi na escrita em jornal que os centristas criaram seus espaços de lutas e disputas e disseminaram suas ideias, no entanto, consciente ou inconscientemente, a maior contribuição do *Formação* foi estimular aprendizagens relevantes para o alargamento intelectual dos estudantes campinenses.

Essas reflexões finais, evidentemente, não se encerram neste artigo, ao contrário, lançam provocações, demandam outras perspectivas, pretendem, enfim, trazer à tona questionamentos para que estudos atinentes aos jornais estudantis possam ser ampliados, revistos, problematizados e entrecruzados com outras fontes.

## Referências

AMORIM, Agnelo. *Depoimento*. [Entrevista cedida a] Ajanayr Michelly Sobral Santana. [S. l.: s.n.], 2013. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

ARAÚJO, Maria Paulo. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Roberto Marinho, 2007.

BANFIELD, Grant; HADUNTZ, Helen; MAISURIA, Alpesh. The (im)possibility of the intellectual worker inside the neoliberal university. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 1, n. 3, p. 3-19, 2016.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BUFFA, Ester. O público e o privado na educação brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). *História e memórias da educação no Brasil: século XX*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. v. 3, p.53-67.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2008.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 45-70, 2012.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 536-567.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Artes de fazer, v. 1).

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMAÇÃO. [Paraíba], 11 ago. 1940.

FORMAÇÃO. [Paraíba], 6 out. 1952.

FORMAÇÃO. [Paraíba], 6 out. 1953.

FORMAÇÃO. [Paraíba], ano 1, n. 1, 11 ago.1936.

FORMAÇÃO. [Paraíba], ano 17, n. 7, nov. 1952. Capa.

FORMAÇÃO. [Paraíba], ano 18, n. 3, out. 1953.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: 34, 2009.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *A palavra impressa: uma história dos jornais, revistas e outros suportes impressos de Campina Grande (1913-1953)*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 16., 2014, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANPUH, 2014.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *Da academia ao bar: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande-PB*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. (org.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: UFPE; Florianópolis: UFSC, 2012. p. 15-37.

JORNAL DO ESTUDANTE. Campina Grande, ano 1, n. 1, 1953.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 135-164.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.

LUCAS, José Morais. *Depoimento*. [Entrevista cedida a] Ajanayr Michelly Sobral Santana. [S. l.: s.n.], 2014. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 44-80.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, José Benjamim. *Cabral visto de perto*. João Pessoa: A União, 2017.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. *A geração engajada: busca de espaços na velha estrutura de poder (um estudo sobre o Centro Estudantil Campinense) 1955-1960*. 1990. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1990.

PEREIRA, Anderson de Carvalho; RIBEIRO, Carme Sandra de Jesus. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. *Educação & Formação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 95-110, 2017.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. As novas abordagens no campo da História da Educação brasileira. In: XAVIER, Libânia; TAMBARA, Elomar; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (org.). *História da educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: Ufes, 2011. p. 247-265.

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. *Entre práticas e representações: o Centro Estudantil Campinense como espaço de formação (1948-1964)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

SAVIANI, Demerval. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

SHIROMA, Oto Eneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Oolinda. *Política educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX: abordagens históricas e configurações historiográficas. In: MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO,

Cecília (org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 47-57.

SYLVESTRE, Josué. *Depoimento*. [Entrevista cedida a] Ajanayr Michelly Sobral Santana. [S. l.: s.n.], 2013a. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

SYLVESTRE, Josué. *Meio século de vida pública sem mandado ou com?: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1950-2000)*. Campina Grande: Latus, 2013b.

SYLVESTRE, Josué. *Nacionalismo & coronelismo: fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954-1964)*. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

TRIBUNA DO ESTUDANTE. [Paraíba], ano 1, n. 1, 1951.

VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tânia Maria Rodrigues. Educação e liberdade em Rousseau. *Educação & Formação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 210-223, 2018.

VASCONCELOS, Larissa Meira de; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Educação, gênero e higienismo nos anúncios publicitários da Paraíba durante a Primeira República. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 451-473, 2017.

VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte de pesquisa em história: Teoria e método. *BOCC*, [Rio de Janeiro], p. 1-11, 2013.

WANDERLEY, Mayrinne Meira. Corpo e poderes: a relação dialógica entre corpo e moda. In: ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega *et al.* (org.). *Historiografia e(m) diversidade: artes e artimanhas do fazer histórico*. João Pessoa: UFCG, 2010. p. 122-132.

*Recebido em 17 de Maio de 2018  
Aprovado em 02 de Junho de 2020*